

KAFKA

vai ao cinema

HANS ZISCHLER

Jorge ZAHAR Editor
Rio de Janeiro

Tradução: Vera Ribeiro

Preparação de texto: Angela Ramalho Vianna

Projeto gráfico e diagramação: Mari Taboada

Capa: Dupla Design

Originalmente publicado como *Kafka geht ins Kino*
Copyright © 1996 Rowohlt Verlag GmbH, Reinbek bei Hamburg

Copyright da edição brasileira © 2005:
Jorge Zahar Editor Ltda.
rua México 31 sobreloja
20031-144 Rio de Janeiro, RJ
tel.: (21) 2240-0226 / fax: (21) 2262-5123
e-mail: jze@zahar.com.br
site: www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.

A reprodução não-autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)
Para esta edição brasileira seguimos a mesma estrutura e tipologia adotadas pela edição norte-americana, publicada em 2003 por The University of Chicago Press, com tradução e notas de Susan H. Gillespie.

capítulo 5 **NOVAMENTE A ESCRAVA BRANCA**

Sentar num vagão de trem, esquecer isso, viver como quem estivesse em casa, lembrar repentinamente, sentir a força impetuosa do trem avançando, tornar-se viajante, tirar o gorro da mala, cumprimentar os companheiros de viagem da maneira mais livre, cordial e urgente, ser merecidamente levado a seu destino, sentir como uma criança, tornar-se um favorito das mulheres, estar sob a constante força de atração da janela, deixar sempre ao menos uma das mãos estendida, apoiada no peitoril. Situação ainda mais agudamente talhada: esquecer que se esqueceu, virar de um só golpe, no trem veloz como o raio, uma criança que viaja sozinha e em torno de quem, trêmulo de pressa, o vagão reúne surpreendentemente as coisas mais diminutas, como se viessem da mão de um prestidigitador.

KAFKA, DIÁRIO, 31 DE JULHO DE 1917

O cinema é o diário da vida moderna.

G. A. DE CAILLAVET, 1912

Em 25 de fevereiro de 1911, ou seja, imediatamente após sua volta da viagem de negócios ao norte da Boêmia, Kafka despachou uma notinha breve a seu amigo e correspondente Max Brod. Um trecho da carta destaca-se entre as notícias gerais do dia:

Algumas notícias, querido Max: as pessoas já ouviram melros cantando no Parque Volksgarten — a carroceria das carruagens da corte, quando senhoras e cavalheiros desembarcam, deve ser escorada na parte traseira por causa das molas potentes — hoje, a caminho daqui, vi um pato pousado na água à beira do rio — viajei com uma mulher que se parecia muito com a trafia cante de escravas de *A escrava branca* etc.¹

Kafka estava afiado. Obviamente, junto com seu amigo, em Praga, havia assistido ao filme *A escrava branca*, que fora anunciado com grande estardalhaço.

Esse *A escrava branca* era a terceira remontagem de um roteiro dinamarquês² produzido diversas vezes com grande sucesso — e rotulado de perfeito *Schundfilm*, ou filme de má qualidade —, que tinha sempre o mesmo tema: uma jovem sem recursos é seduzida por um anúncio a deixar

sua terra natal e forçada a se prostituir num país estrangeiro. Após uma busca dramática, o namorado ou noivo rejeitado consegue libertá-la — já desonrada, segundo ele acredita — das garras da traficante de escravas.

Ora, não há nada demais em encontrar casualmente atores conhecidos que nos são familiares pelos filmes ou fotografias; ou em identificar um determinado rosto na massa de faces anônimas que passam diariamente diante de nossos olhos com o rosto “conhecido” do ator, desde que o próprio desejo e a semelhança formal sejam suficientemente grandes.

Mas esse “conhecido do cinema” de Kafka foi um caso particular.

A história do filme gira em torno de duas mulheres: de um lado, a traficante de escravas, aparentemente solícita, mas na verdade sádica; e, de outro, Edith, a “heroína inocente”. Primeiro Kafka viajou com a protagonista malvada, e seis meses depois com a “heroína inocente”, devaneando e escrevendo cartas sobre seu devaneio.

No fim de agosto de 1911, os amigos partiram em outra grande viagem. Ela durou quase um mês, de 26 de agosto a 20 de setembro, e os levou de Praga, passando por Pilsen e Munique, até Lindau; dali, via St. Gallen e Winterthur, até Zurique; e depois, pelo desfiladeiro de Gotthard, até Lugano. Em 4 de setembro eles chegaram a Milão, onde, além de visitarem o bordel Al Vero Eden, estiveram duas vezes no Teatro Fossati e foram à catedral e a outros pontos turísticos. Em 7 de setembro, seguiram para Paris via St.-Moritz, Montreux, Lausanne e Dijon. Em Paris, que exploraram incansavelmente e com insaciável curiosidade, ficaram até 13 de setembro. Voltaram para casa por caminhos separados.

Dessa viagem temos não apenas os diários de Kafka e Brod (e vários ensaios deste último), mas também o rascunho de um projeto conjunto de romance: *Ricardo e Samuel*. O projeto foi interrompido depois do primeiro capítulo, mas o fragmento conservado nos fornece um vívido episódio do começo da viagem.

Não se tratou apenas de uma *Bildungsreise*, uma viagem educativa no sentido tradicional. Munidos do “tutor vermelho”, como Rudolf Borchard descrevia zombeteiramente o guia turístico Baedeker, de encadernação escarlate, os dois trataram de superá-lo com seu próprio guia de viagens — que deveria chamar-se *Econômico*. Foi também uma viagem por meio de imagens: imagens de cartazes de propaganda, panoramas e cartões-postais; imagens de museus e cadernos especiais de jornais, e, não menos importantes, imagens cinematográficas, as quais literalmente crivavam as páginas de diário dos dois grafomaníacos.³ Estímulos visuais e imagens estimulantes abundavam por onde quer que eles olhassem — e por onde fosse conduzido o olhar do leitor. Em meio ao comentário ininterrupto escrito em Milão, Kafka, implacável quando se tratava dele mesmo, anotou: “Irresponsável viajar sem tomar notas, ou mesmo viver. A sensação mortal do monótono passar dos dias é impossível.” E, sobre seu amigo que

estenografava com diligência as anotações, ele registrou, em tom crítico e admirativo: “Max só lamenta o escrito enquanto o escreve; depois, nunca.”

Essa foi a última grande viagem de solteiro. Max Brod ficou noivo em 1912 — “afastado pelo noivado”, como disse Kafka num momento de ciúme, em carta a Felice. Assim, essa viagem ainda ficou inteiramente sob o signo da verdadeira amizade masculina. “Amigo casado não é amigo”, confidenciou Kafka a seu diário em 1914. Desde o começo, é evidente que os dois partilhavam um prazer extraordinário com o cinema, o prazer de andar de trem, de táxi ou de metrô e experimentar esses meios de transporte — como ficou demonstrado em Munique — como uma câmera móvel numa plataforma. Max Brod anotou:

Em Pilsen, uma dama entrou no vagão... A dama era Angela Rehberger, filha de um oficial militar. Travou conhecimento conosco porque seu chapelão embalado numa caixa caiu ou flutuou suavemente para cima de minha cabeça. Wagneriana. Coleciona invólucros de chocolate, mas também cintas de charutos. Está viajando para Trient com os pais. Trabalha o dia inteiro num escritório técnico, está muito satisfeita com sua vida. Toma ferro, pois esteve doente... Em Munique, passeio de automóvel pela cidade. Noite e chuva. De todos os edifícios, vimos apenas o primeiro andar, porque a capota do carro nos barrava a visão. Idéias fantásticas sobre a altura de palácios e igrejas. Perspectiva de apartamentos de subsolo, diz Kafka.⁴

NOTAS

1 Max Brod, Franz Kafka: *Eine Freundschaft*, vol.2, p.90.

2 O título dinamarquês era *Den Hvide Slavehandels sidst off er*. O filme foi exibido em inglês com o título de *In the Hands of Imposters* (Nas mãos de impostores).

3 Seguem-se algumas amostras desse tipo de folhetos de propaganda e divulgação — no caso, anúncios de jornal sobre a exibição de *A escrava branca*.

4 Max Brod, Franz Kafka: *Eine Freundschaft*, vol.2, p.137ss. O som dessa frase em alemão cria uma ligação quase mágica entre o termo *Kellersperspektive*, o sobrenome Kafka e a letra K — uma ligação que também se estende ao termo alemão correspondente a cinematógrafo, *Kinematograph*.